DE VASCONCELLOS

CAMÕES
EM
LLEMANHA

CAMÕES

EM

ALLEMANHA

ENSAIO CRITICO

EM MEMORIA DO TERCEIRO CENTENARIO

POR

JOAQUIM DE VASCONCELLOS



PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

MDCCCLXXX

CAMÕES

EM

ALLEMANHA

ENSAIO CRITICO

EM MEMORIA DO TERCEIRO CENTENARIO

POR

JOAQUIM DE VASCONCELLOS



PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

MDCCCLXXX

Reunimos estas noticias dispersas em folhetins de um jornal [1] ephemero como mais uma prova do vivo interesse que os trabalhos allemães do Centenario nos inspiraram, e, ao mesmo tempo, como documentos para a historia da festa nacional. Em maio de 1879, quando ninguem ainda pensava entre nós no Centenario, enviamos ao snr. 1.º secretario da Sociedade de Geographia de Lisboa o documento N.º 1, que juntamos a este prologo.

Só em principio de dezembro é que a imprensa da capital o publicou [2].

Seguiu-se uma reunião na *Sociedade de Geographia* para a discussão da nossa proposta e de mais outra do snr. Cypriano Jardim, nascida dias antes; ambas foram a uma Commissão [3] que só a 11 de fevereiro de

---

1 *Actualidade* de 20 e 21 de outubro de 1874; e 2 de abril de 1879.

2 Verdade é que o snr. secretario, o nosso amigo Luciano Cordeiro, esteve ausente de Portugal desde maio ou julho a outubro de 1879.

3 O ponto essencial d'esse parecer (2.º paragrapho) é, pura e simplesmente, o paragrapho 3.º da nossa proposta.

1880 deu parecer (Doc. n.º 2). Nova pausa, maior que a primeira, silencio absoluto em Lisboa até ao dia 3 de abril, em que teve logar a reunião dos jornalistas (Doc. n.º 3).

N'este intervallo de quasi dous mezes (11 de fevereiro a 3 de abril) tinha o Porto tomado a dianteira á capital e a todo o paiz. A 4 de março estava o programma do Porto fixado, nomeadas todas as commissões (quatro, com 50 pessoas). Estas poucas cifras são eloquentes, e a quem isto não bastar podemos ainda offerecer o seguinte documento de um dos escriptores que mais se interessou pelas festas de Lisboa [1]. Não tocariamos n'estes factos, se não tivessemos notado o empenho de realçar os serviços de uns em prejuiso de outros que, podendo reclamar a gloria da iniciativa não o fizeram, nem o fariam, se não fosse o proposito da usurpação; se dissessem: *foram todos os portuguezes que trabalharam,* nenhum teria o direito de reclamar; porém, desde o momento em que cada um talha a sua parte, talhe-se ao menos com os documentos á vista.

Já se expropria a gloria em proveito de certa seita philosophica [2]; o que succederá amanhã?

Das tres partes de que consta esta pequena lembran-

---

1 O Snr. T. Braga escrevia-nos a 9 de Abril de 1880: «Em Lisboa só *agora* é que se começa a fazer alguma cousa; mais vale tarde que nunca.» E pouco antes, na mesma carta: «Admiro a rapidez com que se preparou ahi tudo, e realmente aqui as cousas correm com uma morosidade inqualificavel.»

2 O Snr. T. Braga pretende: «A' introdução da Philosophia positiva em Portugal se deve a ideia da celebração do Centenario de Camões em 1880.» *O centenario de Camões no Brazil,* na revista *O Positivismo*, anno II N.º 6 p. 513.

ça litteraria só a ultima é inedita, e n'esta tocámos apenas levemente o quadro; penna mais autorisada fará á grandiosa empreza do snr. Prof. Storck toda a honra que lhe é devida; entrará em todas as minudencias de uma profunda analyse [1]. Até hoje o resto da imprensa portugueza conservou-se muda em face dos trabalhos do snr. Storck, que correm ha 11 annos.

Quando a 20 de outubro de 1874 pediamos ao celebre traductor uma versão completa das *Obras de Camões* (v. adiante pag. 10) já com a ideia no Centenario, ainda não o conheciamos; mas, quando passados quatro annos alludimos novamente aos seus trabalhos (v. p. 16) no mesmo jornal, o voto tornára-se uma realidade.

O snr. Avè-Lallemant bem vê pois que o seu opusculo de 1879 para o Centenario não vinha «dar impulso vigoroso» a esta celebração (v. pag. 15); um seu apologista, o misero snr. Albert Lindner [2], sublinhando essa phrase, como uma especie de injuria á nação portugueza (!), mostrava assim que sabia tanto dos esforços que se faziam, modesta mas perseverantemente, na Allemanha, como sabia do que se passava em Portugal. Um e outro erravam não só a data, fixada desde 1860, mas até o alvo onde suppunham ter fixado a nossa negra ingratidão. Ainda uma palavra:

Emquanto nós continuavamos este trabalho veio mais uma contribuição do snr. Storck augmentar a nossa divida

---

1 E' o que fará a Snr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos na revista allemã: *Zeitschrift für roman. Philolog.* (G. Gröber) Vol. IV fasc. 2-3 (duplo).

2 V. este nome na *Bibliographia camoniana* pela Commissão litteraria do Centenario no Porto. N.º 570, p. 86.

para com elle. O opusculo [1], que tem o mesmo titulo do nosso — que é o dos folhetins de 1874 e 1878 — é um valioso subsidio bibliographico, que não deve ser olvidado por nenhum bom portuguez. Póde alli vêr-se quanto deve a litteratura camoniana á Allemanha; quanto estudo, quanta energia, quanta dedicação foi posta ao serviço de uma nobre causa.

Dissemos que elles, os allemães, foram os primeiros (pag. 12) que na Europa se occuparam da litteratura camoniana; não se trata aqui de uma questão de precedencia na apresentação dos *Lusiadas;* o que importa é saber a quem devemos a revelação da *individualidade poetica* á moderna critica litteraria, a reconquista do logar eminente que lhe pertence como poeta epico, e *como poeta lyrico.*

Friedrich von Schlegel marcou a Camões o seu verdadeiro logar em 1798, de antemão, contando que o seu paiz apresentaria em pouco tempo todas as provas da sua classificação.

Não se enganou: Assim como em 1806 não havia na Europa tradução alguma dos *Lusiadas* que podesse rivalisar com a do dr. Heise, ou com a de Kuhn e Winkler na fórma e na fidelidade, do mesmo modo não havia em 1852 quem podesse disputar a palma a Arentschildt com a sua bella tradução dos *Sonetos*. Não eram uma meia duzia como os offerecia Adamson em 1820 e repetia em 1842 *ipsis verbis;* não eram as migalhas de Mrs. Heemanns, ou as amostras de Lord Strangford e Mr. F. Denis — foi logo um presente de 284 *Sonetos*!

---

[1] *Camoens in Deutschland.* Kolozsvár, 1880. Duas edições de tiragem mui limitada; peq. 8.º de 45 pag. com 48 numeros. Não entraram no commercio.

O snr. Prof. Storck notou [1], com razão, que a Allemanha celebrou em 1880 tambem o Centenario dos seus estudos de litteratura camoniana, por isso que os trabalhos do Barão de Seckendorff marcam n'aquelle paiz uma nova éra. Sendo o triumpho da Allemanha completo hoje, ao cabo de cem annos, não devia faltar quem o lembrasse.

Porto, Setembro de 1880.

---

1 *Op. cit.* pag. 13.

DOCUMENTOS

O documento n.º 1 foi publicado nos principaes periodicos da capital; transcrevemol-o do *Diario de Noticias* (tiragem 25:000 exemplares).

O documento n.º 2 é um extracto da *Actualidade* de 15 de fevereiro; correspondencia de Lisboa de 14.

O documento n.º 3 é um extracto do *Commercio do Porto* de 5 de abril; correspondencia de Lisboa de 4.

DOCUMENTO N.º 1

«Ill.mo e ex.mo snr. secretario da SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA de Lisboa.

Tendo de celebrar-se no proximo anno de 1880 o 300.º anniversario da morte de Camões, tenho a honra de apresentar á sociedade de geographia as seguintes propostas para a celebração d'essa solemnidade nacional. A' sociedade de geographia cabe, principalmente, o dever de honrar a memoria do immortal poeta do seculo das descobertas nacionaes. Eis as propostas que tenho a honra de submetter ao juizo dos dignos consocios:

1.º A sociedade de geographia tomará a iniciativa na celebração do centenario;

2.º A sociedade de geographia elegerá a grande commissão de propaganda, e a commissão executiva para os trabalhos preparatorios;

3.º A sociedade de geographia procederá de accordo com as outras associações litterarias, scientificas e artisticas do paiz, officiaes ou não officiaes, na elaboração do programma definitivo e sua execução ulterior;

*

4.° Posto que a solemnidade seja nacional, em primeiro logar, é certo que o genio do immortal poeta rompeu ha seculos todas as barreiras nacionaes; portanto, a sociedade de geographia dignar-se-ha solicitar do governo de sua magestade fidelissima, o direito de convidar, officialmente, em nome da nação, os sabios estrangeiros, que mais teem contribuido para divulgar as obras do poeta e a gloria da patria;

5.° A sociedade de geographia encarregar-se-ha de obter das bibliothecas publicas e particulares os elementos necessarios para uma grande *Exposição Camoniana,* e de alcançar do governo de sua magestade fidelissima, os meios para a publicação de uma *Bibliographia geral Camoniana;*

6.° A sociedade de geographia inscreverá no seu programma a execução da grande *Missa de Requiem* (Op. 23) «consagrada á memoria de Camões» pelo illustre compositor nacional João Domingos Bomtempo;

7.° A sociedade de geographia dignar-se-ha solicitar do governo de sua magestade fidelissima a creação de uma medalha commemorativa do centenario, destinada a premiar:

a) Os trabalhos litterarios, nacionaes e estrangeiros sobre Camões, incluindo traducções das obras do poeta.

b) As obras de arte originaes que tenham relação com a vida do poeta, ou com suas obras.

c) As producções typographicas relativas ao centenario.

No primeiro e segundo caso a medalha será de ouro ou prata, no terceiro de cobre, havendo ainda menções honrosas para esta cathegoria de trabalhos. Conceder-se-ha, além d'isso, uma grande medalha de honra, de ouro, ao escriptor nacional que mais houver trabalhado na *litteratura camoniana,* e outra medalha da mesma ordem ao escri-

ptor estrangeiro que se houver mais distinguido nos seus estudos e propagado mais efficazmente a gloria do poeta e da nação. As medalhas poderão ser do mesmo desenho, tendo no reverso a inscripção: A's letras—A' arte—A' industria—por distinctivo.

Deus guarde a v. ex.ª por muitos annos.

Porto, 17 de maio de 1879.

O SOCIO CORRESPONDENTE,

Joaquim de Vasconcellos.»

DOCUMENTO N.º 2

Senhores:

A commissão por vós nomeada comprehendendo como é perfeitamente dispensavel demorar-se em expôr as razões que fazem da celebração do tricentenario de Camões uma obrigação nacional, limita-se a propor-vos em referencia aos projectos que vos dignastes submetter á sua apreciação, o seguinte:

1.º Que a sociedade de geographia promova uma reunião das direcções das sociedades scientificas e litterarias de Lisboa, para se accordar na nomeação da grande commissão central que deverá, de accordo com o governo, promover e organisar a celebração do tricentenario, devendo a essa commissão ser apresentados os projectos que o tiverem sido á sociedade de geographia.

2.º *Que devendo aquella celebração constituir uma festividade e commemoração nacional,* a sociedade de geographia manifeste o voto de que para ella se associem, e n'ella tomem a parte que lhes compete, os altos poderes do estado, a imprensa e todas as associações, institutos e cor-

porações scientificas, litterarias, artisticas, commerciaes, industriaes e politicas do paiz.

Lisboa, casa da sociedade, 11 de fevereiro de 1880.

(Assignados)

Delfim Guedes.
Manoel Pinheiro Chagas.
Antonio Ennes.
Thomaz Ribeiro.
Luciano Cordeiro.

DOCUMENTO N.º 3

Effectuou-se hontem a reunião dos jornalistas, a que me referi no telegramma. O convite fôra da redacção do «Commercio de Lisboa» para accordar nos meios da imprensa lisbonense commemorar o centenario de Camões.

Estavam presentes representantes de todos os jornaes politicos, diarios, semanaes e de alguns litterarios e scientificos, em numero talvez de 40.

O snr. Luciano Cordeiro, agradecendo a presença dos seus collegas, explicou o fim da convocação, e indicou para presidente o snr. J. C. Rodrigues da Costa, redactor da «Revolução de Setembro», por ser o jornal mais antigo; Magalhães Lima, redactor do «Commercio de Portugal», por ser o jornal mais moderno; e Eduardo Coelho, redactor do «Diario de Noticias», por ser o mais vulgarisado.

Foram acceites por acclamação.

O snr. Rodrigues da Costa accentuou a alteza do pensamento da reunião.

O snr. Magalhães Lima propoz que se nomeasse uma

grande commissão para estudar o assumpto, e formular o programma da celebração do centenario por parte do jornalismo de Lisboa.

O snr. Luciano Cordeiro apoiou esta proposta.

O snr. Eduardo Coelho declarou tambem approval-a, e que, sem prejuizo d'ella, propunha que, entre as manifestações com que a imprensa entendesse dever collectivamente celebrar o tricentenario, se incluisse a da fundação no dia 10 de junho da «Associação dos jornalistas e escriptores», cuja ideia obteve o unanime assentimento da assembleia.

Por indicação do snr. presidente, determinou-se que fosse submettida, como recommendada pela assembleia, ao exame da grande commissão proposta pelo snr. Magalhães Lima, com outra que em seguida o snr. dr. Theophilo Braga apresentou, e lucidamente sustentou para que o jornalismo prepare o espirito publico para a comprehensão do sentido historico do grande dia, e como orgão da opinião influa na acção do governo para que se execute o projecto de lei do snr. deputado Simões Dias; [1] que a imprensa n'es-

---

[1] Eis o projecto apresentado na Camara:

PROJECTO DE LEI

Artigo 1.º E' considerado de festa nacional o dia 10 de Junho de 1880, por se cumprir n'elle o terceiro centenario de Camões.

Artigo 2.º E' auctorisado o governo a auxiliar segundo as forças do thesouro, quaesquer trabalhos de iniciativa particular, tendentes a commemorar aquelle dia.

Artigo 3.º Fica revogada a *legislação* em contrario.

Sala das Sessões dos Snrs. deputados, 16 de Fevereiro de 1880.

José Simões Dias.
Antonio Ennes.
Antonio Candido Ribeiro da Costa.

Tudo isto foi approvado.

se dia désse feriado e publicasse supplementos que, juntos, dessem um livro: os «Lusiadas»; que a commissão obtivesse o salão do theatro de D. Maria II para conferencias historicas e litterarias, e que se institua um jury de honra para as questões de imprensa.

A ideia d'esta proposta foi tambem applaudida pela assembleia, resolvendo-se igualmente submettel-a e recommendal-a á grande commissão.

Por esta occasião o snr. Eduardo Coelho disse poder informar que uma empreza jornalistica determinára distribuir uma grande edição gratuita, embora muito simples, dos «Lusiadas», como homenagem ao grande epico.

Depois de haverem fallado sobre o modo de nomear a grande commissão os snrs. Ansur, Cunha Seixas, Urbano de Castro, Abilio Lobo, Lourenço Malheiro, Pequito, Luciano Cordeiro, Magalhães Lima e Eduardo Coelho, votou-se a proposta do snr. Magalhães Lima para a convocação da grande commissão, que será composta de um representante de cada empreza jornalistica e outros escriptores.

Vão ser expedidas circulares a todas as redações para enviar um representante á grande commissão.

Foi Fr. v. Schlegel, que, com a sua voz auctorisada soltou as celebres palavras sobre o nosso poeta:

«Este poema epico (os *Lusiadas*) encerra toda a poesia da sua nação. Nenhum dos poemas heroicos, antigos ou modernos é tão eminentemente nacional e, tambem nenhum poeta foi, desde os tempos de Homero, tão amado e adorado pela sua nação como Camões, de sorte que o resto de amor patrio d'essa nação, que logo depois da sua morte cahiu do seu explendor, prostrada, se concentra quasi exclusivamente n'este unico poeta, que vale para ella e para nós, com certeza, tanto como um cenaculo de poetas e *uma litteratura inteira*.» [1]

Estamos bem recordados; foi n'um verão de 1865, que ouvimos n'um pequeno logar, n'um dos abrigos pittorescos d'essa Suissa em miniatura, que se chama a *Suissa da Saxonia (Sächsische Schweiz)*, que ouvimos, encostados a uma meza onde brilhava uma garrafa de *Tokái* dourado, a um viajante allemão o ultimo periodo do juizo de Schlegel, que não conheciamos ainda.

---

[1] *Sämmtl. Werke.* Wien, 1846, vol. II, pag. 67.

O viajante, homem de edade madura, mal avaliou o effeito que as suas palavras produziriam sobre o companheiro, e este á seu turno mal pensava que teria um dia, nove annos mais tarde, de alludir ao encontro para pagar a consolação, dada em terra estranha, com a hospitalidade em um jornal portuguez.

Pouco tempo depois de Fr. v. Schlegel soltar n'um curso publico, (primeiro decennio d'este seculo) aquellas palavras, apparecia a primeira tradução completa dos *Lusiadas*, em allemão, por C. Heise (1806 ou 1807). Seguiam-se depois as de A. F. Kuhn C. Th. Winkler, J. Donner e finalmente as de Booch-Arkossy (1854) e Eitner (1869) cremos. Entre as datas d'essas diversas traducções completas appareceram fragmentos do poema, vertidos por outros auctores, por Meinhard, Seckendorf, e pelo irmão de F. v. Schlegel: A. W. v. Schlegel.

Conjunctamente com estes trabalhos de tradução, baseados em documentos historicos, formou-se o mytho á volta do vulto historico, creando-lhe uma aureola ideal. Concorreram para isso principalmente os poemas de *W. v. Thery*, a formosa creação de L. Tieck, amigo dos Schlegel, traductor do *D. Quixote* e um dos chefes da escóla romantica allemã.

Não esqueçamos a phantasia primorosa de U. Horn, e principalmente o bellissimo poema do celebre F. Halm, pseudonymo do Barão de Münch-Bellinghausen, poema que causou tanta sensação, e que temos presente na *segunda edição* de 1843.

Posteriormente ás investigações do Visconde de Juromenha, que fez o Catalogo [1] dos escriptores extrangeiros, que se teem occupado até 1859 com Camões appareceram

[1] *Obras de Luiz de Camões*. Lisboa, 1860 pag. 292-297.

outros trabalhos, de que vamos tratar agora, além de artigos, criticas e apreciações soltas em revistas, jornaes, etc.

O espaço, de que dispomos, obriga-nos a estabelecer só o exame dos primeiros, feito rapidamente, de um modo geral, e como que servindo de aviso, aos escriptores da especialidade.

São elles:

A tradução dos *Sonetos* [1] por L. v. Arentschildt, a das *Eglogas* [2] por C. Schlüter e W. Storck, e das *Canções* [3] por W. Storck, e uma nova edição critica dos *Lusiadas,* feita pelo dr. C. von Reinhardstoettner.

Felizmente, de todas as traducções só podemos dizer bem, e muito. Todos os tres traductores dão testemunho d'esse escrupulo verdadeiramente germanico, que tem presenteado o mundo litterario com as traducções de Shakespeare (Schlegel e Tieck, e a ultima pelo circulo reunido por Bodenstedt e Delius), do Dante (Witte, Kannegiesser, Philalethes, pseud. do fallecido rei da Saxonia), de Cervantes (Tieck), do Cid (Herder), de Homero e Virgilio (Voss), com as edições commentadas de Molière (A. Laun) Shakespeare (Delius), que são verdadeiras obras primas e modelos.

A riqueza extraordinaria da lingua allemã, a tendencia cosmopolitica do genio allemão, que facilmente se insinúa,

---

1 *Sonnette* von Luis Camoens (sic), Aus d. Portug., von... Leipzig, Brockhaus, 1852-12.º peq. de xx-288 pag.

2 *Sämmtliche Idyllen des Luis de Camoens.* Zum ersten Male deutsch von. C. Schlüter u. W. Stork. Münster. A. Russell. 1869-8.º peq. de xxii-254 pag.

3 *Sämmtliche Canzonen des,* etc. Zum ersten etc., von W. Storck. Paderborn., F. Schöningh, 1874-8.º peq. de xxiii-156 pag.

*

se introduz, se allia e se combina com o genio de um povo estrangeiro, e que tornou historica na Allemanha a accepção da palavra *Weltbürgerthum* [1] — estas circumstancias concorreram para dotar a Allemanha com traducões das obras primas da litteratura estrangeira, que desafiam o confronto o mais severo. Digamos ainda que esses trabalhos de tradução se produzem n'um paiz, onde a critica não conhece, em face da obra, senão uma condição—a verdade, onde se sacrifica *tudo* a essa condição, onde a actividade scientifica e litteraria das Universidades, Institutos, Academias etc., é extraordinaria. Essa actividade não conhece limites, nem distancias; hoje, trata-se da litteratura italiana, ámanhã da hespanhola e portugueza, depois da franceza, ingleza, da scandinavica, das litteraturas orientaes, não esquecendo sequer a China e o Japão! Sem sair de sua casa o allemão tem tudo, ou quasi tudo na sua lingua; é um trabalho de abelhas, incessante, o d'esses centros universitarios, onde se criam os cidadãos d'esse estado ideal, que elles chamam *Gelehrtenrepublik:* republica de sabios, estado de que cada universidade fornece um exemplo. A nós, povos romanicos, custa-nos a perceber, como essa republica na sciencia, como esse communismo nas cousas do espirito, esse cosmopolitismo litterario se combina, no caracter da nação allemã, com o amor ardente ao torrão nacional, com a disciplina dos costumes na sociedade e no estado. Gervinus explicou na *Introdução* á sua *Historia do seculo* XIX esse phenomeno; não podemos ir mais longe aqui. Vejamos as traducões.

---

[1] *Weltbürger* significa: cidadão do universo, litteralmente; a palavra citada significa pois a alliança activa d'esses cidadãos, pelos interesses ideaes da civilisação, sem differença de nacionalidade.

A tradução dos *Sonetos* por Arentschildt é já antiga; data de ha 22 annos (1852); fallamos d'ella aqui, apenas para dar a noticia mais completa; abrange ella nada menos de 284 Sonetos, acompanhados de notas, e precedidos de um Index e de uma pequena biographia do poeta (5 pag.). Tanto esta, como as notas, nada offerecem de particular; em 1852 pouco mais se podia fazer. O que dá o valor ao livro é a fidelidade escrupulosa da tradução alliada á fluencia e elegancia da fórma.

Escolha-se por exemplo o numero 19 da traducção allemã [1] (pag. 21), e compare-se com o original da ultima edição, portugueza. [2] Quem não louvará comnosco a lingua e o traductor, que assim se veste para levar a gloria do nosso poeta tão longe, e fazer sentir a um povo de 41 milhões as pulsações de um coração, grande entre os maiores?

Fazemos votos para que um dia o autor possa fazer, com a ajuda dos trabalhos recentes, desde os do Visconde de Juromenha até T. Braga, uma nova edição dos *Sonetos,* e incluir os que faltam na sua (274 contra 354 da edição portug.).

A segunda tradução (*Eglogas*) traz a data 1869. O material critico é já consideravel. Primeiro uma introdução (*Vida de Camões e Eglogas*) de XXIII pag. por W. Storck, e no fim 38 paginas de notas pelo mesmo. As 11 pag. d'estas ultimas contem a explicação dos nomes proprios. As

---

[1] Storck deu-nos *Idyllen* (pag. 10) uma tradução do mesmo admiravel soneto: *Alma minha* etc., todavia preferimos a de Arentschildt.

[2] *Obras completas de L. de Camões* (Bibliotheca da «Actualidade» n.º 1, pag. 15, rubrica 13, (ed. T. Braga).

Eglogas são XV [1] com mais duas *Elegias* [2] (VI e VII) traduzidas por Schlüter.

Não pudemos percorrer com attenção e examinar minuciosamente os argumentos da *Introducção* á vida do poeta, assim como o commentario critico das *Notas*. Deixamos isso aos especialistas, [3] O que podemos confirmar de novo, e louvar com verdadeiro reconhecimento, é o respeito, a veneração, a *Pietät* (como os allemães dizem admiravelmente) com que se tratou a bella linguagem do nosso poeta. O amor ao trabalho e ao assumpto d'estes traductores allemães deixa-nos deveras envergonhados diante d'essas torpes e indignas profanações, de que a Allemanha tem sido o alvo n'este desgraçado paiz, onde não só se não veneram as glorias nacionaes, mas onde se tenta profanar o que é de estranhos. [4]

As *Canções,* em cuja traducção figura unicamente Storck, trazem a data d'este anno; (1874) recebemol-as ha alguns mezes da Allemanha. São dedicadas ao venerando F. Diez—em signal de respeito e gratidão—de certo por serviços prestados, e como nós portuguezes nos achamos em identicas circumstancias, d'aqui enviamos ao respeita-

---

1 São as mesmas XV na ed. *supra* (T. Braga, n.º 3 e 4) porque a XVI (ed. Juromenha) é de B. R., isto é Bernardo Rodrigues, e não Bernardim Ribeiro como se julgava. Vid. edc. T. B. pag. 208 *Adv*.

2 Ha muito mais que traduzir nas *Elegias* Vid. ed. T. B. n.º 3, que indica (index, n.º 4) I—VI.

3 Vide a *Introducção* d'este opusculo

4 Vid. a litteratura da *Questão faustiana* por Garça Barreto, F. A. Coelho e Joaquim de Vasconcellos, a proposito do attentado do Visconde de Castilho contra o *Faust* de Goethe. Vide os insultos e improperios do mesmo *Visconde* a Camões.

vel e sabio ancião, hoje octogenario, o mesmo tributo de respeito e sympathia.

O formoso livrinho abre com uma *Introdução* em que se avalia, com a ajuda de testemunhos nacionaes, o merito das *Canções*, e se dão esclarecimentos ao leitor allemão sobre a estructura metrica do genero. As notas mereceram especial cuidado; são numerosas e extensas, e occupam nada menos de 72 pag., quasi tanto como o texto. Nota-se o empenho de alargar constantemente a parte critica, de um a outro trabalho, e esse empenho é tanto mais louvavel em vista da difficuldade e pobreza de meios, que o auctor diz ser grande em Münster. Ainda assim vêmos que teve presentes a *Biographia* de Adamson e as edições de José da Fonseca (Paris 1846) do Dr. C. L. de Moura (Paris, 1847) de Barreto Feio (Hamburgo, 1834) e a collecção *Parnaso Lusitano* (Paris, 1826-1834, 6 vol. pequenos).

Faltaram-lhe os textos de Juromenha e os trabalhos de *Historia Litteraria* de T. Braga, mas temos a certeza de que o auctor os poderá utilisar nos proximos trabalhos [1] que tem entre mãos, e que augmentarão a divida, já grande, de que lhe somos credor pelos seus generosos esforços a bem das lettras portuguezas.

A tradução das *XVIII Canções* disputa, emquanto á fidelidade da ideia e primor da fórma, a palma a qualquer dos trabalhos antecedentes. Podemos dizer que o progresso é visivel no texto, como já o dissemos com relação

---

[1] O snr. W. Storck, que é professor da *Akademie* de Münster (Westphalia-Prussia) diz-nos em carta de 20 de Setembro, que está tratando de estudos ácerca da *Vida de Camões* e de *Diogo Bernardes*; o professor Schlüter, seu collega e amigo, occupa-se com estudos sobre as *poesias latinas* de André de Rezende.

ao commentario biographico-critico. D'esta vez rubricou o traductor as *Canções;* fel-o com felicidade. Compare-se, por exemplo, a primorosa versão do n.° XI, que o autor intitula *Lebensschicksale,* e que nós tinhamos vontade de traduzir: *Problemas da vida.* Parece, comparando com o original, [1] que a lingua allemã ainda rasga mais fundo o mysterio d'aquellas estrophes, ainda cava mais fundo, e sonda mais ainda esse abysmo de tristezas humanas e de luctas terrestres. Dissemos *parece* para não accordar de novo essas visões, que obscureceram a vida dolorosa do poeta.

O autor está autorisado, mais do que ninguem—pelo conhecimento dos textos e, em breve, (quando tiver reunidos os materiaes modernos) pelo estudo da vida do poeta, a dar á sua patria a tradução das outras obras poeticas, e dotar a Allemanha com uma tradução completa [2] das *Obras de Camões,* [3] que possa ser citada, com o mesmo louvor, ao lado das que atraz referimos.

O seu talento poetico, e o talento mais raro: de reproduzir a vida intima da letra morta, de evocar a alma de um poeta, que representa todo o passado de um povo,—esses dotes superiores tem-nos o autor.

O nosso Camões ainda merece ter um logar mais evi-

---

1 Ed. T. Braga. (*Bibliotheca da Actualidade*) n.° 2, pag 41-49.

2 Vide a *Introducção* d'este opusculo.

3 Resta traduzir para o allemão o resto dos *Sonetos*, que faltam em Ahrentschildt: cerca de 70; faltam as *Canções* XVII-XIX, que não achamos em Storck (V. ed. T. B. n.° 2, pag. 68-78); este, traz todas as de T. B. até á XVI (salvo 2.ª var. da Canção VII), que corresponde em Storck á XVII; a de Storck XVIII é em T. B. a *Ode II* (N.° 2, pag. 94). Faltam ainda as *Sextinas; Odes* (menos a II) *Oitavas; Elegias,* menos as duas, citadas, de Schlüter; e as *Redondilhas.* As *Eglogas* estão todas em Schlüter e W. Storck.

dente, no meio d'esses poucos, que teem culto diario e constante no mundo civilisado.

Os *Lusiadas* crearam-lhe a immortalidade, mas ainda que os não tivesse escripto, occuparia um dos primeiros logares, sómente com os *Sonetos*, *Elegias*, *Canções* e *Redondilhas*. Petrarca, de quem se tem dito e escripto tanto, cujo centenario ainda foi celebrado ha poucos mezes com tanto estrondo, está, como poeta e como homem, inferior a Camões, a todos os respeitos. O que lhe constituiu uma reputação mais geral foi a divulgação da lingua italiana.

D'aqui a 6 annos teremos o nosso *centenario* (1580, morte de Camões!) Veremos se alguem se lembra d'isso...

Concluimos com a noticia sobre o ultimo trabalho, a edição critica dos *Lusiadas* pelo Dr. C. von Reinhardstoettner.

Já em outro logar [1] houve penna autorisada, que julgou dos trabalhos do professor de Munich, o qual se estreiou com uma *Critica* [2] sobre os textos do poema. As relações com os redactores da *Bibliographia critica* facilitaram-lhe a publicação da presente edição. O autor dispõe de material consideravel para o seu trabalho; contamos nada menos de 17 edições desde a de 1631 (Lisboa, Pedro Craesbeeck), e incluindo já a de Juromenha.

O primeiro trabalho do autor: *Beiträge* etc., acha-se reproduzido á frente da edição, mas soffreu uma refundição completa (pag. I—XXXVIII); está pois justificada a collocação. Segue-se o *Argumento anonymo*, attribuido a João Franco Barreto (pag. XXXIX-XLI) e finalmente os *Lu-*

---

[1] *Bibliographia critica*. Porto, 1873, pag. 257-268.

[2] *Beiträge* zur Textkritik des *Lusiadas* der Camões. Habilitationsschrift. München, 1872. 8.º de 46 pag.

siadas, canto I até canto III, estr. CXLIII, com as competententes e numerosissimas variantes.

Esta nova edição já nos prestou um serviço valioso, servindo de *texto* nas preleções do celebre romanista Ed. Boehmer, professor na Universidade de Strasburgo (Alsacia).

Finalmente, resta notar ainda que a conhecida casa de Leipzig, F. A. Brockhaus publicou uma reproducão dos *Lusiadas* em 1873, segundo a do Visconde de Juromenha.

Podemos pois dizer, com justa razão que a Allemanha foi, de todos os paizes estrangeiros da Europa, o primeiro [1] que se occupou com a litteratura camoniana, que é hoje o primeiro n'essa especialidade entre os estrangeiros, e o *unico* que está *em dia*, e se conserva a par dos trabalhos nacionaes mais recentes. [2]

---

1 Vide a *Introducão* d'este opusculo.

2 Concluimos com a narração das traducções allemãs do nosso *Cancioneiro e Romanceiro*. Temos presentes:

E. Geibel u. A. F. v. Schack. *Romanzero der Spanier u. Portugiesen*. Stuttgart, 1860.

W. Hoffmann. *Blüthen portugiesischer Poesie*. Magdeburg, 1863.

Fr. Bellermann. *Portugiesische Volkslieder u. Romanzen*. Leipzig, 1864.

Vide, além d'isso, os trabalhos historicos de Diez, Bellermann e F. Wolff sobre o mesmo assumpto.

II

Ha mais de quatro annos [1] alludimos neste mesmo logar ao futuro *Centenario de Camões,* a proposito dos trabalhos litterarios do paiz de que nos vamos occupar novamente. Tendo nós sido o primeiro a apresentar esses modernos trabalhos camonianos da Allemanha, e o primeiro a alludir ao centenario com que elles estão em relação, é dever nosso completar a revista com o exame dos ultimos trabalhos da Allemanha, de então — outubro de 1874 — para cá.

Os trabalhos, citados agora pela primeira vez, são:

1) Luiz de Camoens, *Der Sänger der Lusiaden.* Biographische Skizze. von Dr. Carl v. Reinhardstoettner. Leipzig, 1877. 8.º de 69 pag.

2.) W. Storck. *Glosas und Voltas des Luis de Camoens.* Klausenburg, 1877, 8.º peq. de 14 pag.

3.) W. Storck. Luis de Camoens. *Sonette* I-XXVII. Münster, 1877.

4.) R. Avé-Lallemant. *Luiz de Camoens. Portugals grösster Dichter.* 1879.

---

[1] *Actualidade* n.os 213 e 214 de 20 e 21 de outubro de 1874.

*

A primeira e quarta obra citadas teem certa affinidade, por isso que são dadivas para o centenario [1]. Ambas tratam, posto que de differente modo, a biographia do poeta.

O sr. C. de R. quer apenas offerecer um esboço biographico, destinado á grande maioria dos leitores allemães, uma *populäre skizze,* fundada nos trabalhos de especialistas portuguezes. Entre estes figuram em primeiro logar os srs. visconde de Juromenha e Th. Braga, o segundo principalmente, como autor da unica monographia de Camões. O sr. C. de R. faz ardentes votos para que os eruditos do seu paiz apresentem uma «historia critica da vida e trabalhos do poeta» para o proximo centenario.

«Seria, diz elle, o maior premio que podemos ambicionar para esta primeira tentativa.»

O seu louvavel esboço, que áparte alguns pequenos defeitos [2], ficará sempre com as honras da primeira homenagem, vae produzindo o effeito desejado.

Um litterato notavel, que é ao mesmo tempo um sabio distincto, o sr. dr. Robert Avé-Lallemant acaba de nos dar, senão a monographia desejada, ao menos um ensaio em que a poesia e a critica se prestam, de mãos dadas, á glorificação do grande epico.

---

1 Declaração expressa de ambos os autores.

2 Erro relativo ao papel que D. João II fez na historia das descobertas, p. 3, vide Peschel *Zeitalter*, p. 87, p. 222; outro, relativo á *infanta* (sic) Francisca de Aragão, p. 38; frequentes erros de nomes proprios portuguezes; o nome allemão Arentschmid (p. 54), deve lêr-se *Arenstchildt*.

A descripção orographica de Portugal (p. 1) não é exacta. O systema de montanhas de Portugal é a *continuação* do de Hespanha, etc.

Festschrift zur Gedächtnissfeier der 300 sten Wiederkehr seines Todesjahres intitula o auctor a sua obra: dadiva festiva á memoria do 300.mo anniversario da morte de Camões!

Depois de uma dedicatoria: *An Camoens* trata o autor, em tres capitulos, a viagem de Vasco da Gama, a vida de Camões e os *Lusiadas*. [1]

O sr. R. Avé Lallemant viveu 20 annos no Brazil, que elle estudou como medico, com caracter mais ou menos official, e como naturalista. [2]

Conhece pois bem o portuguez, conhece a litteratura nacional, e é dotado, além d'isso, de talento poetico [3], como provou n'um poema publicado ha 10 annos que tem uma certa affinidade electiva com os *Lusiadas*. O auctor diz n'um prospecto que acompanha a sua obra:

«N'este anno (1879) será por certo celebrado em toda a parte o 300.mo anniversario da morte do maior poeta portuguez. Este escripto festivo tem por fim dar impulso vigoroso a essa celebração.»

---

[1] Nasceu em Lübeck, cidade hanseatica, em 1812; em 1837 partiu para o Rio de Janeiro. Tendo voltado em 1855 a Allemanha, fez segunda viagem ao Brazil em 1858. Reside em Lübeck desde 1859. onde pratica a medicina.

[2] É auctor da *Reise durch Brasilien im Iahre 1858*. Leipzig, 1859. Brockhaus.

Este importante trabalho enche dois volumes de 509 e 450 pag.

Reise durch Nord-Brasilien im Iahre 1859. Leipzig 1860 (mesmo ed.) 2 vol. de 446 e 369 pag. Collaborou na grande monographia sobre Alexandre de Humboldt.

[3] Este poema, intitulado *Auson*, illustra a viagem do almirante inglez do mesmo nome, á volta do mundo, e denota, evidentemente, a influencia do estudo de Camões e em especial dos *Luziadas*, com o qual tem certos pontos de contacto.

Ha n'isto um equivoco [1]. O sr. Visconde de Juromenha [2] provou claramente que o poeta morrera a 10 de junho de 1580 n'uma casa pobre da rua de Santa Anna n.os 52 a 54. O mesmo escriptor já indicava em 1860, as datas exactas, anno mez e dia. Não sabemos pois como o snr. Avé-Lallemant escolheu esse anno de 1579? Camões expirou para não ver os Felipes:

«Emfim acabarei a vida, e verão todos que fui tão affeiçoado á minha patria que, não só me contentei de morrer n'ella, mas com ella» (Jur. 1, pag. 127). O poeta não teve a morte gloriosa como o principe de 1579, que acabou em Alcacer, fiel á sua divisa:

«*Un bel morir tutta la vita honora.*»

Respeitemos pois piedosamente esse triste anno de 1580, que nos levou o poeta e a patria.

O anno de 1580, que se aproxima, trazer-nos-ha a realisação dos desejos dos dois prestantes escriptores citados, e de nós todos. A Allemanha prepara-se para a celebração condigna do *centenario* com aquella generosidade, aquelle sereno espirito de imparcialidade, aquelle amor do estudo que creou os monumentos litterarios de Homero, de Shakespeare [3], de Dante de Petrarca, que são outras tantas bibliothecas. Não podemos, não queremos ser indiscreto, desdobrando a perspectiva de trabalhos de primeira ordem que vão tocando o ultimo termo; procedemos d'este

---

1 Ou antes dois. Vide a *Introducção* d'este opusculo.

2 Sua edição. Vol. 1, pag. 149, com relação á casa onde falleceu; pag. 172 com relação á data exacta da morte: depois, segundo esta fonte original, o snr. T. Braga. *Historia de Camões*. Parte 1. *Vida* pag. 374, 375 e 376.

3 As melhores traducções d'esses poetas são allemãs: de Voss; Schlegel e Tieck; Witte; Hübner, etc.

modo de accordo com aquelles que desejam ser os nossos bemfeitores, sem phrases previas, sem annuncios pomposos.

Resta-nos dar noticia resumida dos restantes trabalhos, citados n'este artigo; da tradução dos *Sonetos I-XXVII* do sr. professor Storck e do seu estudo critico-litterario sobre as *Glosas* e *Voltas*.

Em 1874 fallámos da primeira tradução dos *Sonetos* por L. de Arentschildt (1852), e do seu valor litterario. A do sr. Storck vem substituil-a; é mais fiel, mais plastica, mais viva, porque nasceu de um estudo longo, profundo, da vida e do caracter do poeta; n'essas linhas sentimos vivas pulsações, como as do sangue que corre nas veias do original. Os sonetos parecem fundidos de um jacto; a arte do traductor causa completa illusão sobre a enorme difficuldade vencida, enorme porque sabemos que o auctor tem traduzidos, com os ultimos toques, todos os *Sonetos* de Camões: 356, mais 72 do que a tradução anterior allemã!

Comparámos todos os *Sonetos* das duas traducções entre si e com o original. Reconhecendo á nova tradução meritos superiores, não podemos negar á primeira versão um merito ainda notavel; em 1852 não se podia traduzir melhor, sem edição fundamental, sem critica de texto, sem monographias; a desigualdade é grande, a fidelidade não é escrupulosa, mas em muitos pontos Arentschildt foi fe-

---

As melhores monographias, os melhores textos, são tambem allemães: Delius (texto de Shakespeare); Geiger, Körting (biographias de Petrarca) etc.

A Allemanha produziu uma bibliotheca inteira de obras sobre Homero, Shakespeare, Dante, e fundou sociedades especiaes para o estudo d'esses poetas, primeiro do que na propria patria d'elles.

liz e inspirado. Elle reconheceu primeiro que ninguem na Europa [1] o alto valor das poesias lyricas de Camões:

«As suas canções, tercetos e sonetos, profundos na ideia e perfeitos na fórma, pertencem ao que ha de mais formoso n'este genero, na litteratura de todos os povos. Independente, guiado só pelo proprio genio, toma o poeta assento entre os poucos que, longe das variações do gosto e do capricho da moda, escreveram para todos os tempos, criando modelos de perfeição e de verdade para sempre.»

Nenhuma litteratura europeia se atreveu a seguir o exemplo da allemã. Nenhuma traduziu ainda, por completo, os *Sonetos*, nenhuma [2] traduziu as *Canções*, nenhuma as *Eglogas!* Teem-nos dado, á saciedade, traducções dos *Lusiadas;* podemos pronunciar um: *basta!* sem receio de parecermos ingratos; verter um poema epico, vinte vezes traduzido e paraphraseado é facil—eis a razão por que nos presenteiam com novas, e novas traducções dos *Lusiadas.* [3] É tempo de seguirem os passos da Allemanha; a pedra de toque dos traductores são os *sonetos* e as *canções.* Ahi provará cada um o que sabe do caracter do poeta; mostrará como lhe sondou a alma.

---

[1] V. a *Introducção* d'este opusculo.

[2] Os inglezes lançaram-se ás poesias menores, mas com pouco exito. Primeiro lord Strangford (1805), que traduziu umas quarenta e seis; foi o mais diligente, e conseguiu ver cinco ou seis edições da sua obra até 1828. Seguiu-se-lhe Mrs. F. Heemans em 1818, com umas dezeseis poesias e Adamson (1842) com outras tantas migalhas. Os francezes contentaram-se com *traduzir de traducções*, isto é: de Lord Strangford! (Mr. Barère, 1828).

[3] Continúa esta tendencia exclusiva! Maio de 1880 V. a *Introducção.*

Todos os subsidios existentes são poucos para descer a esse labyrintho de allusões; para seguir essas vozes, alegres e tristes, desde o grito doloroso, mas energico, dos 20 annos até ao suspiro o mais longiquo, na volta da India. Essas poesias são a verdadeira biographia de Camões.

O sr. Prof Storck toca n'ellas a méta do possivel; não cremos que entre nós, mesmo, haja quem conheça as poesias de Camões mais profundamente. Só um exame detido e completo das traducções das *Eglogas,* das *Canções,* dos 27 *Sonetos* e do estudo sobre as *Glosas* e *Voltas* habilitará o leitor a julgar d'esta nossa opinião, que é a expressão da verdade, livre de toda a emphase, livre de todo o exagero, que só poderia offender o traductor.

Ainda n'este caso, como nas *Canções,* o sr. Storck deu aos *Sonetos* rubricas apropriadas. Foi feliz mais uma vez! A sua lingua allemã abre-lhe os mais reconditos thesouros para essas epigraphes que causarão o eterno desespero de todos os traductores:

De facto, como verter:

Lebenswehen (soneto n.º III).

Die Wehen der Liebe (XXVII) etc?

Depois, essas epigraphes gravam o soneto na memoria, e estabelecem, quando escolhidas por mão de mestre, a infinita escala em que o poeta marca os casos da sua tragica vida; elles tomam assim corpo, e fórma plastica.

Escolher em 27 sonetos é difficil; uns preferirão este, outros aquelle; a nós basta-nos dizer que a traducção é, em todos, digna do poeta.

Depois da incomparavel traducção das *Canções* que analysámos em 1874, só se podia esperar obra egual, superior não, porque melhor não o julgamos possivel.

Temos a firme convicção que chegará breve o dia em que a Allemanha acclamará o poeta que lhe revelou o primeiro lyrico portuguez, em que a grande maioria confir-

mará o juizo, desde logo formulado por Diez, Delius e outros. Camões é desconhecido na Europa como poeta lyrico, já o provámos; apenas na Allemanha o estudam; é pois d'ali que ha de partir o movimento; ali se prepara a apotheose!

Foi a Allemanha que nos deu:

A primeira edição do *Cancioneiro da Vaticana* (1875).

A primeira edição critica do *Cancioneiro de Rezende* (1846).

É ella que nos vae dar:

O segundo *Cancioneiro da Vaticana* (Collocci-Brancuti, no prélo).

A primeira edição critica do *Cancioneiro da Ajuda*.

Se foi ella que publicou os textos, foi ella tambem que fez a sua historia critica.

A ella se deve:

A primeira historia da antiga poesia portugueza (Bellermann, 1840; e Diez, 1863).

A ella se deve:

A primeira historia de Portugal (Schäffer, 1836).

A primeira tradução de Gil Vicente (Rapp. 1868).

O primeiro estudo critico d'este poeta (Rapp, 1846).

A primeira tradução completa de João de Barros (Soltau, 1821; outra tradução literal por Feust, 1844).

A ella se deve mais.

A primeira monographia sobre o illustre philosopho Francisco Sanches [1] (1860).

---

[1] *Franz Sanchez. Ein Beitrag zur Geschichte der philosophischen Bewegungen* im Anfang der neueren Zeit. Wien, 1860, em 8.º gr. de IV—145 pag.

Este excellente trabalho é completamente desconhecido em Portugal. Nem o sr. Lopes Praça *Historia da philosophia*. Coimbra, 1868,

A primeira biographia do *Infante Santo* (1827).

A primeira biographia de Fernão de Magalhães (Bürck, 1844) etc., etc.

É de um allemão a primeira coordenação de materiaes solidos para a historia da arte portugueza (Raczynski).

É de um allemão a primeira *estatistica* de Portugal Schmaussens (1759. Em 2 vol. 8.º com 1712 pag!!).

É de um allemão a primeira carta geologica de Portugal (Prof. Willkomm, 1852), que é ao mesmo tempo uma carta da geographia vegetal da peninsula.

É a Allemanha que nos offerece a primeira edição critica das obras de Sá de Miranda, etc., etc.

Não será pois de admirar que ella nos dê a primeira tradução das *Obras completas de Camões*, para 1880. [1]

---

pag. 95 a 104 (que de resto o caracterisou bem), nem ainda o sr. Theophilo Braga (no artigo da *Academia* de Madrid) o conhecem.

[1] Os nossos *germanophobos* ignorantes, que respondam a esta lista que, por sentimento de pura misericordia, não duplicamos com outros tantos factos de egual valor. V. a *Introdução*.

A festa do Centenario trouxe-nos a realisação dos votos que haviamos formulado no ultimo dos nossos folhetins. O snr. Prof. Storck presenteou-nos com a tradução completa das poesias de Camões. Este trabalho que ficára concluido a 16 de dezembro de 1879 [1] não se revela, desde já, em toda a sua magnitude, porque a actividade do editor não correspondeu ao enthusiasmo e á incansavel applicação do illustre philo-lusitano. No entanto já temos presentes dous volumes [2] que reunem: 1.º *Todas as Redondilhas e as Cartas;* 2.º *Todos os Sonetos.* São 161 numeros no primeiro caso e 362 no segundo. É mais de meio caminho andado e, se considerarmos que o traductor já nos deu anteriormente as *Eglogas* e as *Canções,* (v. retro) poderemos dizer que a empreza está vencida, e gloriosamente.

---

1 Segundo carta particular do autor.

2 Luis de Camoens *Sämmtliche Gedichte.* Zum ersten Male deutsch von Wilhelm Storck Erster Band*: Buch der Lieder und Briefe.* Paderborn, 1880. F. Schöningh. — Id. id. Zweiter Band : *Buch der Sonette.* Paderborn, 1880, id.

Não será fóra de proposito recapitular aqui o movimento da litteratura europea em torno d'esse thesouro da *lyrica camoniana.* [1]

1780. Barão de Seckendorff — 2 Numeros.
1803. Lord Strangford — 46 Num.
1804. A. W. von Schlegel — 5 Num.
1818. Felicia Heemanns — 17 *Sonetos;* 1 *Egloga* e algumas *Redondilhas.*
1818. Don Lamberto Gil — 57 Num. e as *Oitavas* a *Santa Ursula.*
1819. L. Hain — 6 Num.
1820. Adamson, Hayley e Southey — Alguns *Sonetos;* depois mais alguns fragmentos em 1842 e 1845.
1828. Bertrand Barère de Vieuzac — É uma mera retraducção de Lord Strangford.
1841. Ferdinand Denis — 52 Num.
1847. L. von Ahrentschildt — 16 Num.
1852. O mesmo autor — 283 *Sonetos.*
1863. F. W. Hoffmann — 13 Num.
1869. Schlüter e Storck — As *Eglogas.*
1874. W. Storck (só) — As *Canções.*
1880. O mesmo autor — *Redondilhas e Cartas*; *Sonetos.*
1880. L. Cazaubon — Alguns *Sonetos.*

Como o leitor vê, ha quasi quarenta annos que os allemães estão senhores do campo; concorreu para esta circumstancia, não só a attenção que se presta na Allemanha aos estudos de litteratura comparada, mas particular-

---

1 N'uma conferencia feita por nós na sessão solemne da Sociedade Nova Euterpe (13 de Junho): «Sobre a gloria de Camões no estrangeiro» encontrará o leitor mais pormenores sobre a presente lista.

mente o estudo especial que alli se tem feito da litteratura peninsular.

Seria ocioso passar aqui em revista esses estudos. (V. retro pag. 20-21). O leitor comprehende que uma propaganda em favor de uma determinada litteratura só por meio de estudos historicos e criticos poderá produzir apenas resultados relativos. É necessario que a tradução se faça primeiro em larga escala. É o que estamos vendo com relação a Camões ha mais de vinte annos na Allemanha. (Ahrentschildt, 1852).

Vem isto especialmente a proposito do trabalho do snr. Prof. Storck. Não daremos novidade ao publico, dizendo que a tradução é digna, em todo o sentido, da reputação adquirida pelo autor; que o lavor poetico da versão é de primeira ordem; que á sagacidade do interprete não escapam as intenções mais reconditas do poeta; que as minimas particularidades da rima são respeitadas, porque a versão é rigorosamente homeometrica. O que surprehenderá porém o leitor portuguez são as numerosas e acertadas restituições do texto; é vêr levantada com solidos argumentos, em novos dominios, uma questão que parecia ter passado em julgado: a dos *plagiarios* de Camões. As restituições são plausiveis, em geral, muitas indiscutiveis; são o fruto de um profundo estudo, como não o faria melhor um especialista nacional. A questão dos *plagiarios* que Faria e Sousa creou, e que o snr. Theophilo Braga modernamente resuscitou para aggravar ainda mais a culpa dos suppostos reus, fica consideravelmente reduzida e, no que diz respeito a Bernardes, quasi saldada em favor do accusado [1].

---

[1] Já na conferencia citada (pag. 50) alludimos ao córte que o snr. Prof. Storck deu n'essa lenda dos plagiarios.

*

É sabido que foi o Padre Thomaz de Aquino que na sua edição das *Obras de Camões* de 1779 editou pelos Mss. de Faria e Sousa sete *Eglogas* restituidas a Camões das obras de Bernardes, sob cujo nome appareceram em 1596. Foi isto o principio da celeuma contra Bernardes como *plagiario* de Camões. Convem dizer que nem o Padre Aquino achou no Ms. citado uma prova solida de attribuição apresentada por Faria e Sousa, nem elle, Aquino, offereceu essa prova. Faria e Sousa não affirma que essas *Eglogas* eram attribuidas a Camões no codice, que elle disse ter achado; nenhuma rubrica as acompanhava; o unico argumento era (e é) a opinião d'elle, que a critica tem provado ser suspeita.

O Morgado de Matheus, o Bispo de Vizeu e, modernamente, os snrs. Visconde de Juromenha e Adolpho Coelho já fizeram notar a fraqueza de toda a argumentação de Faria e Sousa. O snr. Visconde de Juromenha declara-se pela opinião do Bispo de Vizeu (*Obras,* vol. III, pag. 339, Notas) isto é: admitte que uma parte das attribuições seja falsa. Agora o snr. Prof. Storck toma decididamente o partido de Bernardes, não só na questão das *Eglogas* (sua tradução: *Prologo* pag. XVII-XXIII) mas ainda n'outra questão: sobre falsas attribuições n'uma grande parte das *Redondilhas* e em uma boa parte dos *Sonetos*. Este aspecto da questão é novo, e deve provocar a attenção dos especialistas nacionaes. Pertence a estes discutir o caso com o illustre professor. Quanto a nós, as provas do snr. Prof. Storck são concludentes. Faria e Sousa adoptou, para conseguir os seus fins, um expediente que podia ser sufficiente no sec. XVII, mas que devia falhar perante o processo de analyse da critica moderna: deturpou as poesias, taes como se acham em Bernardes, no acto da transposição, para fazer acreditar n'um plagiato mal disfarçado por leves alterações. Como mediocre poeta que era, não se lembrou que

alguem poderia mais tarde ter o talento bastante para provar, por um estudo especial e comparado das obras dos dous poetas, a deturpação, e denunciar o intuito especial que o guiára. Resulta de tudo isto que a litteratura portugueza terá de agradecer ao snr. Prof. Storck não só um serviço de excepcional valia como traductor, mas um outro, não menos consideravel, de critica litteraria. Restituindo a Bernardes o que é d'elle, não rouba á immensa gloria de Camões parte alguma essencial, e levanta a uma altura consideravel um outro poeta gravemente calumniado e que é, sem duvida, o segundo poeta da época camoniana, no genero idyllico.

Com Camões deu-se no campo litterario o mesmo phenomeno que a critica observou no campo da historia da arte. Assim como ainda não ha muitos annos todos ou quasi todos os quadros da antiga escola flamenga eram attribuidos aos irmãos Van-Eyck, os da escola allemã a Dürer e os da escola de Veneza a Ticiano etc., assim era dotado o nosso grande epico com uma serie de poesias apocryphas que não lhe augmentam a gloria, já immensa, e que, restituidas a seus donos, collocam na verdadeira luz um certo numero de contemporaneos muito notaveis [1].

---

1 Nas obras de Camões andam envolvidas poesias de muitos outros poetas; além de Bernardes, que deu o maior contingente, são sobre tudo os seguintes: Sá de Miranda, D. Manoel de Portugal, Garcia de Resende, Soropita, Francisco Galvão; e até as de hespanhoes como Garcilasso, Garci Sanchez de Badajoz etc. Vide o prospecto á nova edição das *Poesias* de Sá de Miranda pela snr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos.




GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00028 0822